

JOAQUIM NABUCO



N'uma carta publicada no *Times* de 12 de abril, o notavel publicista brasileiro Joaquim Nabuco annuncia ao mundo inteiro, por meio da publicidade do jornal londrino, a total extincção da escravatura na provincia do Ceará. N'esse documento, importantissimo para a historia da grande nação sul-americana, Nabuco faz notar a importancia de tal successo, n'uma região onde o numero de escravos era ainda ha tres annos de 30:000, e n'um paiz onde a reluctancia dos escravistas pertinazes tem mallogrado em parte as tendencias abolicionistas do melhorio da população; recommenda á veneração da sua patria todos os que cooperaram n'essa obra civilisadora, especialmente a sociedade anti-escravista *A Cearense Libertadora*; e felicita-se com a ideia de que todo o imperio seguirá dentro em pouco o exemplo dado por uma das suas provincias.

O que a modestia de Joaquim Nabuco não quiz patentear é o quanto deve á sua propaganda activa e intelligentissima o movimento abolicionista do Brazil, e o quanto cooperou, mais talvez do que qualquer outro, para esta primeira victoria, como para o definitivo desaparecimento da escravatura da superficie do grande imperio.

Nós comprimentando-o hoje, que elle se acha de passagem em Lisboa, cumprimos um grato dever de consciencia, e sentimos que a nossa debil voz não possa fazer ecoar pelo mundo inteiro o nome de um dos primeiros heroes do abolicionismo no Brazil.

A MISSÃO DO TRANSVAAL



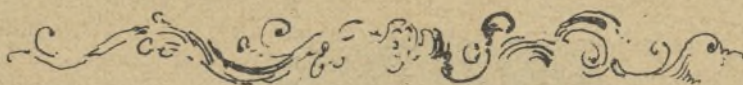
J. J. du Toit,
ministro da instrucção

Kruger, presidente
da republica do Transvaal

V. J. Smit, general

Tornamos conhecidos do leitor os tres principaes vultos d'esse povo independente que soube sacudir o jugo que a altiva Inglaterra pretendia impôr-lhe. Quando lhes faltassem outros titulos de nobreza, bastar-nos-hia este para que lhes tributassenos a nossa sympathia e a nossa admiração.

A SEMANA



A' hora em que nós escreviamos a nossa ultima chronica semanal, dava-se para as bandas do Ver-o-peso um caso semelhante ao que em tempos se deu para os lados de Helicon quando Perseo cortou a cabeça de Medusa.

Um Pegaso alado, a quem os transtornos da vida ou porventura os desvãos da mocidade haviam arrastado de degradação em degradação, ao ponto de se achar presentemente reduzido a grangear com o suor do seu rosto a exigua palhada dos Pegasos de fanico, quiz, n'um momento do mais bem justificado orgulho, mostrar a Jupiter e aos moradores da cidade baixa que ainda era bruto de que os noticiarios se occupassem, visto que os poetas lhe denegavam esse privilegio.

Vae d'ahi, alçando da pata omnipotentemente ferrada á hespanhola e ferindo com ella as agruras do lagedo, fez rebentar no deposito de enxofre dos srs. Abecassis não propriamente uma segunda fonte de Hippocrene, mas um terrivel incendio na destruição do qual seriam impotentes todas as fontes de Lisboa, a começar pela da Bica do Sapato e acabando nas da presidencia do conselho, se o sr. dr. Pinto Coelho não acode sollicito a largar as adufas do seu prestimoso Alviella.

O commerciante grosso, aquelle que atafulha os armazens da alfandega de generos para metter a despacho em vespas de imposto novo, que passa a cobrar por conta propria, assistia ao sinistro com o coração mais pequeno de que uma pulga no justificado receio de que o café em deposito se lhe torrasse mais depressa de que fora para desejar. E os poderes publicos, boquiabertos, olhavam com espanto para as chammaz azuladas d'aquelle Vesuvio de enxofre, profundamente admirados de que essa materia não fosse, como sempre suppozera, incombustivel, e como tal perfectamente inoffensiva para as visinhanças de uma alfandega!

A Providencia, felizmente, não quiz que o sinistro se communicasse áquella repartição e as auctoridades que haviam protestado providenciar de futuro para que tal perigo se não repetisse, resolveram deixar tudo no mesmo pé, attendendo a que seria absurdo tomar providencias com p pequeno quando ha uma Providencia com P grande que de tudo cuida e se occupa.

Tudo se concluiu pelo melhor, ficando as auctoridades muito satisfeitas, os commerciantes muito satisfeitos e os donos do deposito muito satisfeitos; apenas os bombeiros, que assistem sempre áquellas fainas de cara alegre, é que d'esta vez voltaram de lá muito *enxofrados*!

Os successivos addiamentos da *Kermesse* tem sido por muita gente attribuidos á inscontancia do tempo, ou antes á constancia do mau tempo, quando é certo que a chuva nada aliás tem que ver com semelhantes transferencias. A Tapada — á semelhança da pescada que antes de o ser já o era — acaba de ser tapada com o *Caetano* de borracha aconselhado pelo *Antino Vigas* do *Pimpão*, ficando assim a coberto das chuvas mais torrencias. Quanto ás barracas, é certo que um pouco soffreram com o rigor do tempo, mas depois de lavadinhas e enxutinhas ficaram exactamente como novas.

Muitas pessoas chegaram a receiar, fundando-se na pouca solidez do solo argiloso, que a estacaria das barracas se fosse soterrando pouco a pouco, ao ponto de se tornar necessario abrir-lhes claraboias no tecto para a entrada do sr. barão da Regaleira, e de ninguem poder espreitar lá para dentro sem previamente se haver posto de gatinhas. Felizmente os receios d'essas pessoas são infundados porque as barracas conservam-se, como diria o sr. Fontes, á altura da gravidade das circumstancias.

A causa do addiamento da *Kermesse* é, segundo por ahi se cochicha em voz muito baixinha, motivada pelos trabalhos extraordinarios a que activamente se está procedendo n'aquelle recinto para a apresentação d'uma surpresa em que tomam parte o reverendo prior da Lapa e o sr. presidente da camara municipal. Diz-se estar já montado um aparelho monstro, semelhante na fórma áquella em que Olga e Kaira trabalharam no Colyseu, sob o qual será collocada uma rede de caminhos de ferro, por se julgarem insufficientes as redes de pescar ao atum...

O que sairá d'ali?...

Tem continuado a ser offertadas para aquella festa meritória um sem numero de prendas de que a imprensa noticiosa dá relação diaria, e por ahi soubemos do donativo de dois brindes que não podemos deixar em silencio. Albino José Baptista offereceu trezentas gaitinhas de foles! Quem apanhar em sorte todas aquellas gaitinhas fica governado de gaitinhas para o resto dos seus dias!... Gonçalves Vivas offertou uma coisa que os jornaes noticiaram ser um paio de Arraiollos, mas que algumas pessoas insidiosas affirmam ser o retrato d'elle offerente...

Nós acreditamos apenas o que dizem os jornaes, tanto mais que já nos consta ter resolvido um illustre marquez fazer dotação á *Kermesse* da ervilha necessaria para o paio do Gonçalves Vivas.

PAN.



Partiram na sexta-feira ultima para Allemanha os cinco operarios portuguezes mandados a estudar nas fabricas estrangeiras por conta do governo e mediante a iniciativa do sr. ministro Aguiar. A imprensa governamental, sempre prompta a louvar as iniciativas dos ministros que, sob pretextos futeis, mandam commissionados ao estrangeiro vencendo grossas remunerações, nem uma palavra disse ainda em elogio do ministro das obras publicas por esta utilissima resolução. Ao menos é coerente, e muito grato lhe deve estar o ministro por tal prova de deferencia.

DE MONOCULO

O estado de civilização d'um paiz, dizia não me lembra qual philosopho, mas dizia e não era tolice, avalia-se, perfeitamente, pela consideração, que n'elle se consagrar á mulher.

O selvagem africano, que offerece ao estrangeiro, a posse da esposa, como dádiva de generosa e considerada hospitalidade e tanto mais se julga honrado, quanto mais o hospede se apraz na concessão, representa, claramente, um gráu negativo, na escola que parte do pudor venerado. e termina nas raivas summas d'Othello, o ciumento assassino.

A Inglaterra, o paiz das fantazias moraes, onde as mulheres teem o aspecto de homens imberbes e os homens o ar de manequins de cera, incarnados, á pressa, de fancia, por um artista de vão d'escada, offerece á consideração da Europa um caso, verdadeiramente curioso.

E' sabido como um inglez acaricia uma boa garrafa de Porto, as considerações e estima que lhe merece, as odes que lhe dedica e os beijos longos que lhe dá.

Julgar-se-hia, por esta tendencia natural á ternura, que o alcool empresta aos caracteres mais frios, que, concomitantemente, pelo menos nas horas roseas da saturação, o inglez, assentaria no collo a ossuda companheira que Deus lhe arrumou e lhe diria quatro graçolas, entre um beijo frio como um sorvete e o adorável *God save the queen*, cantarolado em rouco, entre as baforadas do cachimbo, de mão no cós estalado das calças e chapéu no cucurruo.

Qual?

Caso digno de largas reflexões, o bom do inglez, ainda n'estes momentos de melhor humor, contenta-se em mimosear a cara *dois terços*, pespegando-lhe com a garrafa vasia, pela cara.

Calcule-se o que serão as suas carias nos momentos em que o Porto lhe não dulcifica os instinctos.

Taes são, que o deputado Mac Farlan acaba de apresentar no parlamento britannico a seguinte proposta: —... «proponho que se applique ás mulheres a lei de protecção que vigora para as plantas e para os animaes!»

Estrondoso.

A primeira parte da proposta é d'uma delicadeza parisiense, *hors-ligne*. Tractar a mulher como uma planta, como flôr que balouça fragil e desprotegida na haste, é feito que só alcançam poetas, estalando cordas de lyras, nos terceiros andares da *baixa*, de manga d'alpaca no antebraço e alguma caspa na gola do manto.

Crêr-nos-hiamos arrebatados a um paiz angelico, onde a fava rica, o *roast-beef* e o rum, tivessem sido substituidos pelo mel do Lymeto, a ambrosia dos deuses e bolos *celestes*: onde os corações dos homens não fossem formados de fibras musculares, mas d'assucar candi, desfeito em gemmadas d'ovos regadas com succo de banana e a massa encephalica substituida por massa de pão de ló.

Mas a segunda parte esmagou-nos.

Quando n'um paiz-se pede para a mulher a protecção de que gozam as cadellas das ruas, é licito suppôr, que as cadellas não alcançam da philantropia patricia a mesma somma de pontapés.

As vezes, quando ao passar pelas ruas de Lisboa, succedia encontrar nas convulsões epilepticas da estrichnina, torcendo-se nas agonias da morte, um pobre cão vadio, eu sentia, tomado de dó, que uma voz intima me segredava esta frase: — pobre cão!

D'hoje, para o futuro, a minha frase será mais digna, mais levantada e humana; lembrar-me-ha, fatalmente a proposta de Mac Farlan e sinto que a frase será transformada pela recordação dolorosa, n'esta outra: — *pobres miss!*

Em Jerez de la Frontera, Galan, um dos implicados nos crimes da *Mão Negra*, acaba de ser enforcado.

Elle protestou evangelicamente do alto da fôrça a sua innocencia; e, por um d'estes instinctivos sentimentos de dôr, que são, quasi sempre, um protesto mudo contra a justiça humana, o povo ao vel-o apparecer, rompeu n'um grito enorme, tumulto de muitos gritos, cheio d'angustia e de dôr.

A justiça d'el-rei fez-se, no entanto; e o povo hespanhol teve a aspera lição de ver como acabam, no mundo, os homens cujas mãos não têm a alvura das folhas dos lyrios.

Até aqui o caso triste.

Permitta-se-me agora uma reflexão, que me occorreu, que por ser profundamente triste, não deixa de ser esmagadoramente verdadeira.

Em Portugal, que eu saiba, homens que pertençam á associação da *mão negra*, só existem — os carvoeiros.

Creio na maxima irresponsabilidade e isenção, por parte d'esta respeitavel classe, perante a estatistica de assassinios e roubos, commettidos em Portugal e Algarves.

Tenho, até, pela classe supra mencionada, a mais decidida sympathia.

O carvoeiro é como o sol de uma casa: é elle que, como o astro nos espaços, distribue pela terra o calor e a luz; quero dizer: as bolas e o petroleo.

O carvoeiro, pode dizer-se affoutamente como do seu collega do ceu: — o carvoeiro é a vida!

Em paz, pois.

Para explicar, porém, a ruina progressiva do paiz, a vida que cresce, o dinheiro que desaparece, os roubos das recebedorias, as quebras dos *bancos*, o concerto dos ditos, os emprestimos colossaes, os tractados iniquos, a perda das colonias, o leitor deseja provavelmente saber a quem pertence a responsabilidade de tantas graças?

A uma sociedade nossa, muito nossa, antithese da associação hespanhola, — a associação da Mão Branca.

Ha porém a lamentar uma injustiça flagrante.

Em Hespanha, procuram-se cuidadosamente os membros da associação e logo que se reconhecem enforcam-se interinamente; em Portugal todos os conhecemos, andam, á volta, por essas ruas e se alguma vez os poderes publicos os apanham, não é para lhes engastar o pescoço no laço corredio d'uma boa corda de linho, é para lh'o adornarem, com a fita luzente d'um collar!

Espantosa differença, que nasce d'entre o uso do sabão nacional, fabricado n'uma Sinfães qualquer hespanhola e do sabonete perfumado importado directamente de Paris das officinas Farina.

Les differences, où diable vont elles se nicher!

Entristeceu-me a noticia.

A força causa-nos hoje a impressão repugnante d'um morcego que nos roça a face com a ponta da aza.

São ambos filhos da noite, elle e a irmã.

Causou-me tristeza e devo confessar que de Jerez de la Frontera, é a primeira vez que para mim vem um desagradavel momento.

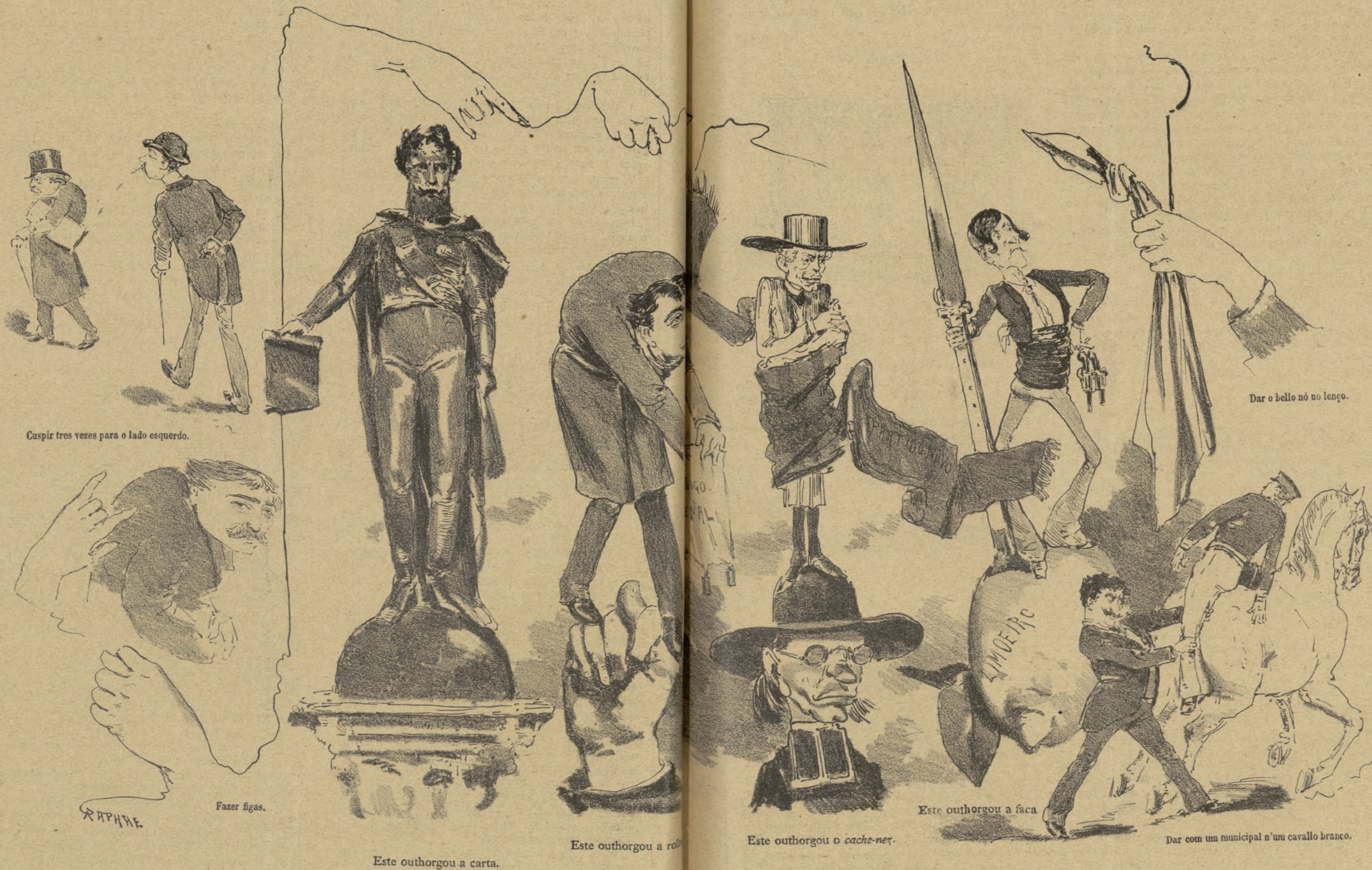
Compensação do prazer que nos causa á sobrezeza um copo do seu vinho adoravelmente pallido.

Bella Jerez, prefiro que mandes os teus vinhos ás noticias dos teus enforcados; manda, e aconselho-te que, em troca, se a fôrça te desagrade por fazer crescer um pouco a lingua fóra da bôca, o que constitue uma acção feia, pouco polida, importa sabonetes e lava as mãos.

De mãos lavadas, deixa-te de tabernas e cafés onde o populacho enxameia; nada d'isso.

Chega-tea os grandes e deixa correr o marfim. M. M.

A SEMANA D'OUTHORGAS



NO PAIZ DO SYNDICATO

A maior parte das vezes no Porto não ha espectaculos. Os theatros estão fechados, com grandes vantagens para a arte, mas com não menores prejuizos para a ociosidade elegante. Agora, porém, o caso muda muito de figura; os theatros estão todos cheios, não diremos de espectadores, mas pelo menos de emprezas.

No Real de S. João a companhia pertencente ao Príncipe Real está dando espectaculos de operetta comica e dizem que Josepha d'Oliveira continua fazendo um grande furor na *Filha da Senhora Angot*. Ora, se bem nos recorda appellando para a mais remota sensibilidade dos nossos nervos, ha coisa de dez annos já a mesma actriz fazia um grande furor na mesma peça, abrindo a saia golpeada, ao tilintar das cadeias do Directorio. Se ha nervos que, dez annos depois, tenham ainda as mesmas sensações e o mesmo enthusiasmo, que vibram hoje como em 74 ao ouvir as canções languorosas de mam'zelle Lange, esses serão os verdadeiros privilegiados pela Natureza, porque o geral vive momentaneamente como veterano que só confusamente se recorda das antigas batalhas heroicas.

No *Príncipe Real*, cavallinhos e grandes funcções, com grandes reclames, espalhados profusamente pelo Henrique Diaz que é, sem questão, uma bella pessoa de emprezario, capaz de embarrilar o publico tres vezes cada noite, o que dá uma totalidade de vinte e uma embarriladelas por semana, não havendo espectaculos de tarde.

E no theatro Baquet os terriveis leões de mr. Seeth mais terriveis que os bull-dogs das casas inglezas, estão fazendo quasi tanto furor como os fulminadores sorrisos da Josepha no S. João.

Portanto, o Porto, apesar de cambista, apesar da sua Associação Eleitoral Commercial, que é uma ameaça, e do sr. Correia de Barros, que é uma tristeza, tem horas de alegria que é mesmo de morrer.

Mas não fallámos ainda do melhor.

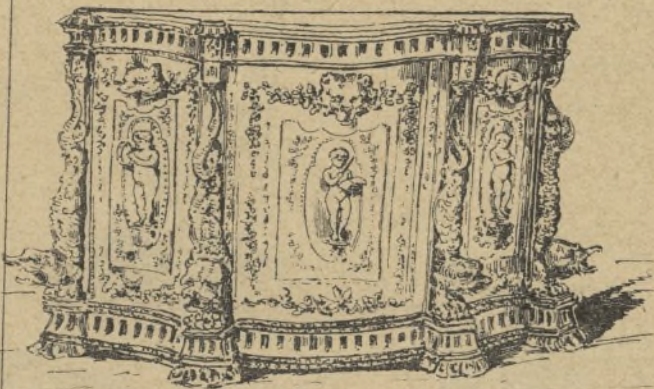
E' o domingo, antes de jantar, no Palacio de Crystal portuense.

A *fashion*... (precisemos: no Porto a *fashion* é constituida por uma serie de cavalheiros que tem por extremos o sr. Augusto de Mesquita, com as suas calças de sacca-rolhas e o sr. Adriano Ramos Pinto com os seus terriveis collarinhos britannicos)... depois da missa — em primeiro lugar a salvação da alma — accorre ao Palacio para mostrar a sua elegancia e as suas rosas *celines*. Ao fundo da nave, no palco do theatro Popular, o regente Santos faz ouvir as peças mais escolhidas do seu repertorio, e, cá em baixo, onde de quando em quando se fazem exposições de gallinhas, a nossa mocidade *gantée* recurva-se em flamancias, diante das gentis meninas da rua da Duqueza de Bragança, *haute gomme*, ou da rua de S. João *haute finance*.

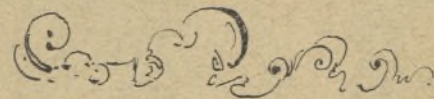
Isto é o espectaculo mais curioso, de mais sensações e de mais perfumes que tem o Porto. O ylang-ylang casa-se com a essencia de bacalhau concentrada produzindo combinações novas, que nem o Condray seria capaz de classificar, rasoavelmente.

Em vista d'isto o Alfredo Bastos resolve ir até ao soalço do Chalet dar biscoitos ao macaco. As damas mais gentis vão beber, lá fóra, na avenida, o grande ar puro da natureza, que prodigiosamente, como morgado prodigo lança sobre nós os innumeros açafates das mossas rosas e as emmaranhadas grinaldas das suas trepadeiras de flores miudinhas.

JOÃO BRÔA.



Publicamos um rapido *croquis* do sumptuoso movel mandado construir sob plano do dr. Rebello da Silva, e que é uma verdadeira obra d'arte digna de mencionar-se e conhecer-se. Tomaram parte na execução d'este magnifico trabalho os distinctos artistas Machado, Paiva, Madureira e Guerreiro, cujos nomes são tão dignos de elogio como o do afamado clinico a cuja iniciativa e largueza de animo se deve em grande parte o complemento de tão valiosa obra.



SEMANA PARLAMENTAR

Consummation est! Está votado o codigo penal e n'elle incluidas as disposições repressivas da imprensa jornalística! Contra esta reforma tem sido apresentados muitos e valiosos argumentos; a favor um só, mas de peso: a lei que acaba de ser votada não será posta em execução. — Quem duvidar veja a pena de morte no exercito! — Para salvar a disciplina militar reformou-se o codigo respectivo e n'elle ficou precisamente consignada a pena ultima.

Havia quem sustentasse que o militar em campanha está sujeito ás leis marciaes que são ditadas pelo direito da força, e nada tem com a força do direito, havia quem sustentasse que o militar, no quartel, durante a paz, fazendo guardas á principal, flanando na Avenida, e frequentando os espectaculos pelos preços das creanças, era um cidadão que devia estar sujeito ás leis communs.

Apesar d'isto os Antonio-coelhidas quizeram que a pena ficasse bem claramente escripta na lei.



Os crimes da caserna reclamavam providencias energicas. — Mais um artigo, menos um artigo não faz bem nem mal; é como os medicamentos das irmãs do padre Salles.

Depois, a prosa dos nossos legisladores deve ser lida, como a escripta dos hebraicos — ao contrario do que fazem os que aprenderam pelo *Monteverde*.

Revolve-se o codigo militar e veja-se se lá existe a pena de *bofetada* applicada em audiencia de caserna ou de parada pelo juiz superior, que accumula as funções de parte, juiz e algóz? Não está lá, pois não?

Mas a bofetada eccôa com persistencia nas casernas da nossa tropa!

Revolve-se o codigo e veja-se se lá existe ou não a pena de morte, por fusilamento. É claro que existe! Pois a pena de morte não se applica, em nome da lei, e as execuções de que temos noticias, são producto da vindicta particular.

A lei repressiva da imprensa, em muitos pontos, se parece com o codigo militar; fez-se para ser letra morta com relação á pena ultima, e para ser cumprida com relação ás *exautorações*.

Lopo Vaz bem sabe que não lhe permitem os tempos que vão correndo — que fusile o jornalismo, mas sempre, pelo sim pelo não, vae exautorando-o.

Ao militar arrancam-se-lhe os galões, o numero, as divisas, no meio d'um quadrado de camaradas, e depois dá-se-lhe — commutação da pena para que não haja espectros nos sonhos do monarcha; á imprensa arranca-se-lhe... as custas do processo, no meio de testemunhas facciosas, presididas por qualquer Firmino singular, e depois dá-se-lhe a amnistia para que possam ser ministros da corôa o Sampaio do *Espectro* e o Lopo da Janeirinha.

A favor do codigo penal ainda se pode allegar uma nova razão. — Aquillo não é medida de repressão; é uma medida de fazenda.

Tributados a propriedade, a industria, a alimentação, o sangue, o juro e a fé, viu-se que o *deficit* não se dava por vencido.

Era, pois, indispensavel tributar a imprensa.

Admiravel pacto feito entre Hintze e Lopo Vaz!

Desde o momento que o poder abusa, exorbita, pecca, delinque, e assim produz critica, apostrophe e accusações, porque não havia de considerar-se tudo isto materia collectavel?

Então a discussão não é mais productiva do que o sal —? Não haverá até algum sal nos artigos dos jornalistas independentes?

Tudo isto se resume em imposto de sal, creiam, os pessimistas.

A prova? Eil'a.

Artigo insosso não será collectado — as traducções de Shakspeare e os versos de Thomaz Ribeiro estão isentos, por consequencia.

*

* *

Ninguem ha mais resignado do que nós; para tudo achamos uma compensação generosa.

Os artigos da imprensa independente são como os vinhos generosos — o governo, rolhando-os, pretende reforçal'os. Val do Rio tem armazens em Braço de Prata — Lopo tem-n'os no edificio da Boa Hora!

A critica dos governos, dos governantes e das instituições, sobre a meza do orçamento, desrolhada, enfraquecendo a aguardente e o aroma, pode turvar, crear pé, azedar, perder o valor — O vinho e a politica de 1820, cobertos com a poeira da dispensa e da historia, provocam mais cubiça e fazem mais lautos os banquetes.

Imagine-se que a imprensa republicana recolhida n'uma vasilha com as dimensões e feitio do *Zé-povinho*, andava por esse mundo a evaporar-se e a inutilisar-se para o paladar e para o estomago! Era uma pena!

Lopo Vaz, que em questões de vinho teve decerto o cuidado de consultar o seu collega das *Balsas dançantes*, disse com os seus botões — Que pena, perder-se pinga tão famosa! E então pegou n'uma rolha de cortiça, mordeu-a, que em todas as cousas boas costuma morder o bom do homemsinho, metteu-a no gargallo, bateu-lhe com a mão violentamente e poz-lhe por cima uma capsula dourada, porque assim as rolhas não parecem de vil cortiça.

— Prompto, disse S. Ex.^a, isto agora vae ficar o melhor de todos os Champagnes!

É um habil taberneiro o illustre ministro!

Sabe o leitor o que nós já estamos vendo?

É o dia em que a *Republica*, depois de ter passeiado pelos *Campos Elysios* e pela *Porta do Sol*, ha de vir admirar a nossa *Avenida da Liberdade* e retemperar as forças com um copinho do Champagne — *Lopo Vaz*.

Estamos vendo-a:

Barrete derreado, o saca-rolhas, estadulho na mão direita, *Zé-povinho* na esquerda! Verdadeira attitude de amator de vinhos finos.

Depois vergar o busto, entalar o garrafão entre os joelhos, rasgar a capsula, perfurar a cortiça, e, n'um gemido, fazer valente esforço e encher do licor espumante a taça do festim.

É claro Lopo bem saberá que o vinho fermentára, e ha-de safar-se para longe... para não apanhar com a rolha na cara.

JUSTUS.

~~*~*~*

Apresentamos ao publico em geral e aos leitores do *Antonio Maria* em particular o nosso morgado, como lá se diz, o herdeiro presumptivo da nossa gloria e dos nossos bonecos, a carne da nossa carne e o lapis do nosso lapis, sobre cujos hombros irá pezar futuramente a responsabilidade enorme de fazer rebentar pelos ilhaes as provincias do continente e ilhas adjacentes, quando o rheumatismo gottoso nos houver inchado as pernas e as sedas do bigode nos apresentarem os reflexos lustrosos do actual bigode do sr. Fontes.

Se imaginaram que comnosco se acabaria a raça e saltaram de contentamento, fiquem sabendo que perderam o tempo e os saltinhos.

INDA É NOITE...

ILLUSTRAÇÕES DE BORDALLO FINHEIRO (FILHO)



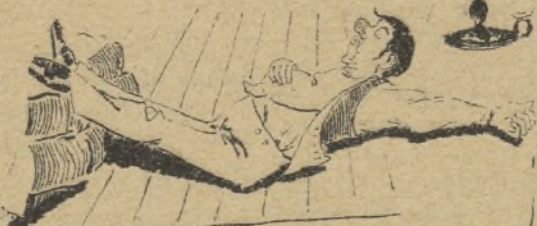
Gustavo jantára á bruta
E tinha a cabeça tonta.
— Cinco pratos, doce, fructa,
E vinho... façam-lhe a conta...



Sem que muito se delongue,
No sobrado cae de borco,
Ferra os pés na chaise-longue
Fica a roncar como um porco.



Lá por dentro a arder em braza
Sae emfim do restaurante,
E vae caminho de casa
— S'atraz, S'adiante...



Espreita, cheira um bocado
E diz soltando um bocejo:



Acorda morto de sede,
Que por dentro em chammaz arde.
— O relógio da parede
Marca tres horas da tarde.



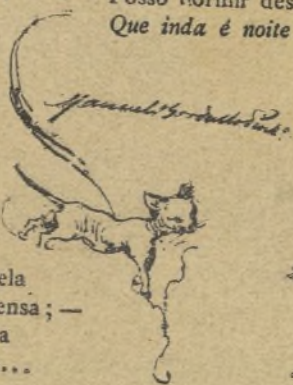
Chega ás tres da madrugada
Ao caseiro e doce abrigo,
Co'a farpella esfarrapada
E o chapéu feito n'um figo!



Quer despir-se, mas em vão;
Nem desprega o collarinho!
— Que a barriga era um vulcão
E a cabeça era um moinho...

— Como toda ardera a vela
Era o quarto em treva densa;
Gustavo em vez da janella
Abre a porta da dispensa...

Posso dormir descansado
Que inda é noite!... e cheira a queijo...



PAN.